

ENTRE METÁFORAS E MEMES: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE SOBRE OCORRÊNCIA DE METÁFORAS SITUADAS EM MEMES POLÍTICOS

BETWEEN METAPHORS AND MEMES: AN ANALYSIS EXERCISE ON THE OCCURRENCE
OF METAPHORS SITUATED IN POLITICAL MEMES

Marcos Helam Alves da Silva¹

Márcia Ananda Soares Siqueira de Sousa²

RESUMO

Este trabalho busca estudar, em memes políticos, as metáforas como estratégia de persuasão e legitimação de posicionamentos no cenário da política brasileira, a partir de uma perspectiva sociocognitiva e discursiva. De modo a atingir nosso objetivo principal, realizamos uma breve discussão teórica, fundamentado em autores como Marcuschi (2000 [1975]), Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Lakoff (2016), Kövecses (2020), Vereza (2010, 2012, 2013), Vereza e Cavalcanti (2022), Vereza e Duque (2023), entre outros. Do ponto de vista metodológico, adotamos uma análise qualitativa, com a interpretação dos dados e sistematização das análises. Com isso, buscamos, num *corpus* composto de três memes políticos, verificar a ocorrência de metáforas sistemáticas em sua constituição. Os resultados apontaram para a ocorrência de várias metáforas criativas, com doses significativas de humor e repletas de aspectos argumentativos e persuasivos, importantes, para compreender esse campo tão significativo como a política.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Política. Memes.

ABSTRACT

This work seeks to study, in political memes, metaphors as a strategy of persuasion and legitimization of positions in the Brazilian political scenario, from a sociocognitive and discursive perspective. In order to achieve our main objective, we carried out a brief theoretical discussion, based on authors such as Marcuschi (2000 [1975]), Lakoff and Johnson (2002 [1980]), Lakoff (2016) Kövecses (2020), Vereza (2010, 2012, 2013), Vereza and Cavalcanti (2022), Vereza and Duque (2023), among others. From a methodological point of view, we adopted a qualitative analysis, with the interpretation of the data and systematization of the analyses. With this, we seek to verify the occurrence of systematic metaphors in their constitution in a *corpus* composed of three political memes. The results indicated the occurrence of several creative metaphors, with significant doses of humor and full of argumentative and persuasive aspects, important for understanding this field as significant as politics.

KEYWORDS: Metaphor. Politics. Memes.

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Professor Assistente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). marcoshelam@pcs.uespi.br, <https://orcid.org/0009-0005-1742-0188>.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de pós-doutorado Júnior do CNPq Universidade Federal do Piauí (UFPI). marcianandaa@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2618-3792>.

1. Introdução

Nas últimas décadas, as mudanças nos modos de produção e circulação de discursos, especialmente impulsionadas pelo ambiente digital, uso de redes sociais (por meio da qual gêneros, como os memes, se materializam) têm alterado significativamente as formas de interação política e os mecanismos de persuasão utilizados pelos atores públicos. No contexto das redes sociais, a viralização de conteúdos se estabelece como uma característica marcante da comunicação contemporânea, favorecendo a rápida disseminação de mensagens que muitas vezes recorrem a metáforas para a validação de seus propósitos. Essas metáforas destacam-se como um elemento central na construção de sentidos e na organização de visões de mundo, contribuindo, assim, para a construção da linguagem persuasiva de lideranças políticas, como veremos nas análises empreendidas neste estudo.

Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo analisar, em memes de natureza política, o papel das metáforas como estratégia de persuasão e legitimação de posicionamentos no cenário da política brasileira, a partir de uma perspectiva sociocognitiva e discursiva. Dessa maneira, fundamentado em autores como Marcuschi (2000 [1975]), Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Kövecses (2020), Vereza (2012, 2013), Morato e Freitas (2017) o estudo busca compreender como a metáfora opera na construção de sentidos, na legitimação de posicionamentos ideológicos e na constituição de visões de mundo nos espaços de circulação digital.

O *corpus* deste trabalho é constituído por três memes de natureza política diversos e de momentos, também, diversos (dois do contexto das Eleições presidenciais de 2022 e um tematizando um fato político do governo Lula de 2024), nos quais verificamos ocorrências de metáforas em sua constituição. Ademais, do ponto de vista metodológico, adotamos uma análise qualitativa, com a interpretação dos dados e sistematização das análises.

Para efetivação dos nossos propósitos, dividimos este artigo em três seções, cujo conteúdo abrange desde os fundamentos teóricos das metáforas ao seu funcionamento persuasivo, ideológico e humorístico nos memes. No primeiro momento, apresentamos e discutimos as várias configurações das metáforas, valendo-se, para tanto, de autores como Marcuschi (2000 [1975]), Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Kövecses (2020), Morato e Freitas (2017), Vereza (2012), dentre outros. Em seguida, discutimos, respaldados em Carvalho (2012), Charteris-Black (2011), Soares da Silva (2015), a estreita relação entre o uso de metáforas e os mecanismos de construção e validação de visões políticas. Em um terceiro momento, analisamos os memes que compõem o *corpus* deste estudo e discutimos como a descrição e interpretação das metáforas colaboraram para a compreensão de processos persuasivos, argumentativos e humorísticos nesses textos.

Por último, tecemos as considerações (quase) finais que dizem respeito à proposta do artigo.

2. A metáfora: entre a tradição e as perspectivas contemporâneas

“Será possível acrescentar algo de interesse à quase ininterrupta investigação da metáfora desde que Aristóteles a definiu em sua Poética?” (Marcuschi, 2000 [1975], p. 72). Essa indagação instigante

e provocante está presente num texto clássico escrito por Marcuschi nos já longínquos anos 1970³ do século passado e se propunha a discutir um tema que acompanha a tradição filosófica e linguística da Antiguidade Clássica até os nossos dias.

O grande Marcuschi, dada sua enorme expertise já pré-anunciava, em importantes aspectos, algumas das ideias presentes em *Metaphors we live by*, publicado no início da década seguinte (2002 [1980]) por dois dissidentes de gerativismo chomskyano, o linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson. Muito embora, em seu texto, se discutam em diversos pontos os postulados da Teoria da Metáfora Conceptual — ou, nas palavras de Morato e Freitas (2017), uma perspectiva sociocognitiva e interacional da metaforicidade —, a preocupação de Marcuschi, como ele mesmo faz questão de enfatizar, está voltada para considerar aqueles que foram “olimpicamente ignorados pelos novos ‘desbravadores’” (Marcuschi, 2000 [1975], p. 72), dentro de um dos temas mais revisitados de nossa tradição: o da metáfora.

Uma das teses principais presentes na reflexão marchusiana sobre a metáfora reside na assertiva de que a metáfora está além de um mero instrumento de comparação de uma coisa com outras. Nas palavras do autor, “[...] *a metáfora não é fruto da comparação*, e sim, no máximo, *base para uma comparação a posteriori*. A ordem psicológica tem aqui prioridade sobre a ordem lógica. É a metáfora que funda a comparação e não o contrário” [italico e negrito do autor] (Marcuschi, 2000 [1975], p. 77).

A posição de Marcuschi aqui exposta representa um pensamento aprofundado sobre a metáfora, sendo que, numa ordem hierárquica, a prioridade no processo de compreensão da realidade é a metáfora, a qual é a base para que outros processos, como a comparação, ocorram. Isso, na perspectiva de Morato e Freitas (2017), já aponta que o autor reconhecia a onipresença da metáfora na cognição humana, tese que estará presente de forma mais detalhada nas ideias de Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

Ainda na esteira de Marcuschi (2000 [1975]), ao responder a questão posta por ele mesmo em seu ensaio, é “perfeitamente plausível retomar a problemática, se não para trazer novidades, pelo menos para renovar o debate com colocações pouco exploradas” (p. 72-73). A resposta de Marcuschi à questão inicial, ainda hoje, se mantém atual e profícua, sendo que, embora retomado inúmeras vezes, o tema da metáfora vai se (re)atualizando a cada dia de modo a nos mostrar como as relações entre linguagem, cognição e mundo são essenciais para a própria compreensão da natureza humana.

³ O texto a que nos referimos é o ensaio “A propósito da Metáfora”, escrito por Marcuschi no ano de 1975, refeito anos mais tarde em 1978 e publicado originalmente na revista Pórtico em 1984, Revista do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi novamente publicado em 2000, na Revista de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), versão que estamos trabalhando e fazendo referência aqui neste estudo. Além da presença nesses periódicos, o ensaio se faz presente nos livros *Reflexões Linguísticas: reflexões semânticas e discursivas*, organizados em 2007 pela Editora Lucerna, com um conjunto de ensaios do próprio Marcuschi, e, posteriormente, fez parte do livro *A propósito da Metáfora*, organizado por Aldo de Lima, em 2014 e publicado pela Editora da UFPE.

Nessa perspectiva, conforme Verezza (2012), o que hoje compreendemos por metáfora é fruto de um conjunto sistemático de redefinições, que culminaram em sua transição de figura de linguagem retórica para um fenômeno importante para a compreensão da cognição humana e das nossas atividades discursivas. Em suas palavras,

A metáfora que hoje se encontra sob os holofotes intelectuais, na verdade, não é a mesma que habitava as listas classificatórias dos tropos da retórica restrita. A sua ascensão foi impulsionada por reconceituações e redefinições que, na maioria das vezes, implicava sua promoção ou valorização, como fenômeno de natureza não só linguística, mas também cognitiva e, mais recentemente, discursiva (Verezza, 2012, p. 47).

Uma das redefinições mais significativas e responsável por um novo status epistemológico com uma virada paradigmática (cf. Zanotto *et al.*, 2002) nos estudos da metáfora é a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC), prototípica das reflexões de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a partir do qual uma plethora de novos estudos se firmou.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]⁴) demarcaram com a TMC uma nova forma de compreender o fenômeno metafórico, com a assertiva fundamental de que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado. Tal compreensão serve de lastro para o entendimento de que a metáfora é integrante da nossa vida cotidiana e não apenas uma figura de linguagem, um desvio ou um elemento retórico da feitura poética. Afirmam os autores que,

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 45-46).

Dessa maneira, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) apontam para o caráter essencialmente cognitivo da metaforicidade. Com isso, ao compreender que a nossa linguagem cotidiana é perpassada por metáforas, compreendemos também a mente e como se dá o processamento da linguagem da própria compreensão humana (Costa Lima, 2003). As metáforas são, pois, um meio extremamente significativo para a estruturação, reestruturação e até criação da realidade (Kövecses, 2020).

Fincadas na base experencialista da cognição humana, os autores postulam que representamos inúmeros conceitos utilizando metáforas, de forma automática e inconsciente, de modo que nem nos damos conta disso e, com isso, pensamos que podemos viver sem usar expressões metafóricas para externar o que sentimos.

⁴ Em 2002, um grupo coordenado pela Profa. Mara Zanotto (PUC/SP) traduziu a obra para o português.

Além do mais, as conceptualizações metafóricas emergem da interação do homem com o meio numa relação alicerçada na tríade mente-corpo-mundo. Assim, a metáfora linguística só se torna possível por estar infiltrada no sistema conceitual e ser gerada com base nas experiências corpóreas em íntima relação com o ambiente físico e cultural, sintonizada com a compreensão e o entendimento do próprio agir e pensar do homem (Costa Lima, 2003).

A base da teoria proposta pelos autores está na assertiva de que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 5). Dessa maneira, a metáfora consiste num mapeamento sistemático entre dois domínios conceituais: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O primeiro (mais físico) é a fonte das inferências, o segundo (mais abstrato) é onde as inferências se aplicam. Sobre isso, Kövecses (2020) aponta que tal compreensão assinala a metáfora conceptual na perspectiva de um produto e de um processo, “o processo cognitivo de entender um domínio é o aspecto do processo da metáfora, enquanto o padrão conceptual é o aspecto do produto”⁵ (Kövecses, 2020, p. 1).

De acordo com Vereza (2012), a partir de Lakoff e Johnson, a metáfora configura-se como uma figura de pensamento e não apenas uma questão de linguagem, trata-se de uma forma de pensar ou conceptualizar uma coisa em termos de outra. Desse modo, ao se deslocar a metáfora de uma figura de linguagem para uma figura de pensamento, temos “um processo pelo qual experiências são elaboradas cognitivamente, a partir de outras já existentes, no nível conceptual” (Vereza, 2012, p. 52).

É inegável o impacto da obra de Lakoff e Johnson nos estudos da metáfora, através dos quais importantes deslocamentos foram realizados, além da sistematicidade de uma teoria que elevou a metáfora a um lugar de destaque na compreensão da conceptualização humana e na compreensão de sua própria natureza. Obviamente, como é peculiar a toda obra pioneira, esta não é isenta de críticas. Uma das principais críticas repousa na exemplificação disponível na obra, já que muitos dos exemplos dados pelos autores não são oriundos de uma pesquisa que levantasse um *corpora* autêntico, mas foram ali elencados a partir da própria intuição dos autores (cf. Vereza, 2012). Tal situação é bastante diferente nas pesquisas sobre metáfora na atualidade em que os dados são retirados de situações de uso.

Além disso, conforme Kövecses (2020), o trabalho pioneiro motivou um significativo número de trabalhos na área, os quais não apenas reproduziram a TMC de Lakoff e Johnson, mas também acrescentaram e modificaram a teoria. Em suas palavras, “é óbvio que o que conhecemos hoje como TMC não é equivalente à teoria da metáfora proposta por *Metaphors We Live By*. Muitos dos críticos da TMC assumem, incorretamente, que a TMC é igual a *Metaphors We Live By*”⁶ (Kövecses, 2020, p. 1). Uma série de estudos foram desenvolvidos em diversas orientações teóricos-metodológicas (cf. Morato; Freitas, 2017):

⁵ Tradução para: The cognitive process of understanding a domain is the process aspect of metaphor, while the resulting conceptual pattern is the product aspect.

⁶ Tradução para: (...) it is obvious that what we know as CMT today is not equivalent to the theory of metaphor proposed in *Metaphors We Live By*. Many of the critics of CMT assume, incorrectly, that CMT equals *Metaphors We Live By*.

- a) cognitivismo mais clássico: Lakoff; Johnson, 1980; Lakoff, 1987; e, Lakoff; Turner, 1989.
- b) abordagens de cunho experiencialista: Grady, 1997; Lakoff; Johnson, 1999.
- c) perspectivas ancoradas em fatores socioculturais, pragmáticos e multimodais: Steen, 2011; Kövecses, 2005; Semino, 2008; Gibbs, 2011; Cameron, 2007; Charteris-Black, 2004; Verezza, 2010, 2013; Cameron; Deignan, 2006; Forceville, 2006, 2010,⁷ e, acrescentaríamos ainda nesta última perspectiva os trabalhos de: Pelosi; Feltes; Cameron, 2013; Cavalcanti; Verezza, 2014, 2020; Sperandio, 2014⁸.

Como dissemos anteriormente, as críticas ao caráter intuitivo das metáforas de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) foram significativas. Nesse contexto, segundo Verezza (2010), os trabalhos surgidos, especialmente, nos anos 90⁹ foram motivados a partir dessas “brechas” da TMC original. Com isso, várias pesquisas (como as listadas em c) surgiram com o propósito de apresentar análises de metáforas oriundas de situações de uso e não apenas da intuição do pesquisador. Assim, as análises passaram a recobrir um universo significativo de “gêneros textuais, em corpora gerais ou específicos e, a partir desses dados, identificar as metáforas conceptuais subjacentes (como, por exemplo, em Kövecses, 2002)” (Verezza, 2010, p. 207).

Ainda conforme a autora, em estudo de 2013, uma série de pesquisas realizadas, especialmente, por Cameron¹⁰ e associados passaram a compreender a metáfora, a partir de uma dimensão discursiva, em que se propõem duas unidades de análise: (1), o metaforema, definido como “metáfora nova, emergente, local, vinculada a um sistema complexo, candidata a convencionalização” e, (2), a metáfora sistemática, compreendida como “metáfora cognitiva subjacente ao discurso, situada, ao contrário da metáfora conceptual, em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas, ou veículos, presentes nesses textos” (Verezza, 2013, p. 5).

Além dos estudos de Cameron e associados acerca da metáfora em uso, Verezza (2013) lança mão de sua proposta, que se coloca ao lado da metáfora sistemática: a metáfora situada e o nicho metafórico (cf. Verezza, 2010; 2013, além de Verezza e Cavalcanti, 2022; Verezza e Duque, 2023). Na proposta desenvolvida pela autora, a ideia de nicho metafórico dá condições para a compreensão da “metaforicidade textual [...], a partir dos desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais ou episódicas” (Verezza, 2013, p. 5). A autora chama esse tipo de metáfora de metáfora situada, que é por ela caracterizada como

⁷ Essa sistematização foi realizada por Morato e Freitas, 2017. Uma sistematização semelhante a essa pode ser encontrada no trabalho de Verezza e Cavalcanti, 2022.

⁸ Os trabalhos por nós listados, na complementação da sistematização de Morato e Freitas (2017), situam-se nas perspectivas da metáfora sistemática, metáfora situada e da metáfora multimodal. Todos os estudos focados no que as autoras chamam de perspectivas ancoradas em fatores socioculturais, pragmáticos e multimodais.

⁹ Verezza (2010) cita como exemplos desses trabalhos, até aquele momento, as reflexões de Deignan, 2005; Cameron, 1999 e Verezza, 2008.

¹⁰ Dentre os trabalhos citados por Verezza (2013), estão Cameron (2008); Cameron e Deignam (2006), Cameron e Maslen (2010), Cameron *et al.* (2009), além de Semino (2008).

uma metáfora que, apesar de estruturar cognitivamente textos específicos, não precisa ser explicitada linguisticamente. No entanto, ao contrário da metáfora sistemática, ela conduz, cognitiva e discursivamente, todo um desdobramento ou mapeamento textual, *online*, episódico, construindo um determinado objeto de discurso (Mondada e Dubois, 2003), ou um ponto de vista, de uma maneira deliberada. Ou seja, a metáfora situada não é apenas discursiva por estar presente, mesmo que somente no nível cognitivo, na linguagem em uso; ela, de fato, encontra-se claramente na interface entre cognição e pragmática, ajudando-nos a compreender, sob um dado ângulo, a complexidade desse entrelace (Vereza, 2013, p. 6).

As metáforas situadas são, assim, deliberadas, contextualizadas e condutoras de um ponto de vista (Vereza; Duque, 2023). Com base nelas, cremos possuir teoricamente um fundamento para as análises que empreendemos adiante. Antes de apresentá-las, vamos, porém, refletir um pouco sobre a metáfora na política, visto que nosso *corpus*, os memes de natureza política, derivam desse campo.

2.1. A metáfora na política: as relações entre persuasão, argumentação e cognição

Carvalho (2012) aponta que muito da agenda política, nacional e internacional, está marcado por discursos que são recheados de metáforas, seja de forma explícita ou implícita. Essa posição foi muito bem explicitada também nos estudos de Charteris-Black (2011).

Para o autor, a linguagem configura-se como o elemento garantidor da legitimidade das lideranças. É através da linguagem que todo e qualquer tipo de sistema político se mantém, desde os autocráticos aos democráticos. Segundo Charteris-Black (2011, p. 2-3), a escolha da linguagem, além do uso de metáforas, contribui para o sucesso de vários líderes políticos do mundo ocidental do século XX. Em suas palavras,

Compreender a natureza sistemática das escolhas metafóricas é, portanto, necessário, se quisermos compreender como sistemas de crenças inteiros são concebidos e comunicados. Isso ocorre porque a metáfora é uma característica estilística da linguagem persuasiva da liderança política¹¹ (Charteris-Black, 2011, p. 3).

Cremos que o uso deliberado de metáforas no discurso político, além de propiciar uma rede argumentativa e persuasiva, também possibilita uma maior intimidade entre a figura política e seus eleitores, criando situações de uma proximidade discursiva nas quais o eleitor passa a se perceber como figura importante daquele jogo enunciativo.

Vejamos, a título de exemplificação, o discurso do presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), realizado no dia 03 de abril de 2025, durante o evento “*O Brasil dando a volta por cima*”. Observemos os trechos¹² abaixo:

¹¹ Tradução nossa para: Understanding the systematic nature of metaphor choices is therefore necessary if we are to understand how entire belief systems are conceived and communicated. This is because metaphor is a stylistic characteristic of the persuasive language of political leadership.

¹² O discurso na íntegra pode ser conferido no link: <https://lnk.dev/llpLg>.

Texto 1:

Minhas amigas e meus amigos. Ao longo deste evento, apresentamos um breve balanço daquilo que fomos capazes de realizar em apenas dois anos. A começar pela reconstrução de um país deixado em ruínas pelo governo anterior. O Brasil é um país que volta a sonhar e ter esperança. Um Brasil que dá a volta por cima e deixa de ser o eterno país do futuro, para construir hoje o seu futuro.

No trecho acima, constam algumas metáforas bastante interessantes, a primeira delas é PAÍS É EDIFÍCIO, deixado despedaçado, em ruínas pelo governo anterior e que, portanto, merece atenção, cuidado e reconstrução. Há um viés argumentativo muito forte no uso dessa metáfora, no sentido de mostrar que o governo atual é aquele que cuida e que suas ações são as responsáveis pela reconstrução do país. A partir dessa metáfora, podemos derivar duas outras aí presentes: NAÇÃO É FAMÍLIA e PRESIDENTE É PAI AMOROSO, aquele que cuida e dá as condições necessárias para que sua família se desenvolva e tenha condições necessárias de sobrevivência e vidas dignas. Na sequência, através do processo de personificação, temos a ocorrência da metáfora PAÍS É UMA PESSOA, que ao ser cuidada volta a sonhar, ter esperanças e dar a volta por cima. Num outro trecho do mesmo discurso:

Texto 2:

O Brasil era uma casa em ruínas. Uma terra arrasada. Em apenas dois anos de muito trabalho, nós arrumamos a casa. Refizemos os alicerces, erguemos de novo as paredes. Aramos a terra, semeamos, regamos com carinho e estamos colhendo os resultados. O Brasil está de novo entre as dez maiores economias do mundo.

Como estratégia argumentativa, temos novamente a reiteração da metáfora PAÍS É EDIFÍCIO EM RUÍNAS, cujas ações do governo atual foram responsáveis pela sua reestruturação. Outra metáfora presente logo no início do trecho em destaque é POLÍTICA É DESTRUÇÃO. Nesse caso, as ações do governo anterior foram responsáveis pela destruição do país, de sua organização e de sua soberania. ORGANIZAÇÃO É PLANTAÇÃO é outra metáfora presente no trecho, a qual permite a compreensão de que as ações governamentais realizadas de forma efetiva e organizadas vêm contribuindo para o seu desenvolvimento, cujos frutos já começam a ser colhidos com a volta do Brasil às dez maiores economias do mundo. As metáforas empregadas pelo Presidente Lula, além de possuírem uma carga argumentativa enorme, trabalham também com a emoção do interlocutor. Sobre isso, Charteris-Black (2011) aponta que

A metáfora é uma característica importante do discurso persuasivo porque faz a mediação entre esses meios conscientes e inconscientes de persuasão - entre cognição e emoção - para criar uma perspectiva moral sobre a vida (ou ethos). É, portanto, uma estratégia central de legitimização nos discursos políticos¹³ (Charteris-Black, 2011, p. 13).

¹³ Tradução para: Metaphor is an important characteristic of persuasive discourse because it mediates between these conscious and unconscious means of persuasion – between cognition and emotion – to create a moral perspective on life (or *ethos*). It is therefore a central strategy for legitimisation in political speeches.

A utilização dessas metáforas no discurso político, como as presentes no pronunciamento do Presidente Lula, cria uma rede de relações entre aquele que discursa e os que ouvem. Com elas, inferimos que o desejo daquele que fala é mostrar que as políticas adotadas pelo governo são efetivas e estão provendo grandes feitos para o país.

Na esteira dessa reflexão sobre a relação entre metáfora e política, gostaríamos também de ressaltar a contribuição de Soares da Silva (2015). Em sua perspectiva, a metáfora é um importante instrumento conceptual e discursivo utilizado na manipulação e persuasão, “não é só meio de conhecimento e compreensão do mundo como também estratégia de persuasão e manipulação emocional e ideológica” (Soares da Silva, 2015, p. 6).

Na perspectiva do autor, dois aspectos principais que fazem parte da natureza da metáfora colaboram com o seu apelo na política, são eles: (a), a sua natureza corpórea e inconsciente; e, (b), a sua natureza ideológica. Tais características, a seu ver, fazem com que a opinião pública nem perceba que está sendo manipulada. (Soares da Silva, 2015). Ou seja, o uso da metáfora como uma estratégia política é tão deliberado, que nem percebemos as teias das relações de sentido que ela é capaz de envolver.

No estudo em questão, Soares da Silva (2015) aponta que a metáfora não está presente apenas no discurso da imprensa portuguesa, mas, sobretudo, configura-se como uma poderosa estratégia da imprensa com vistas à defesa da política de austeridade e suas relações econômicas, políticas e sociais, ligadas a uma agenda ideológica, emocional e moral. Segundo o autor, “as expressões metafóricas encontradas no *corpus* instanciam metáforas baseadas na GRANDE CADEIA DO SER, metáforas de ESQUEMAS IMAGÉTICOS e metáforas baseadas na metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS/AÇÕES”. Além disso, as metáforas da austeridade estudadas pelo autor estabelecem-se a partir de domínios oriundos do comportamento humano como “responsabilidade/irresponsabilidade, disciplina, sacrifício, obesidade, crueldade, despotismo, honra, bom aluno, o orçamento e as dívidas familiares, esquemas imagéticos do CAMINHO e da FORÇA e determinados eventos ou ações como guerra, jogo, gestão da casa ou da empresa, terapia e missão (Soares da Silva, 2015, p. 33).

Os estudos aqui citados fazem parte de uma pequena mostra que se propõe a refletir sobre as relações entre metáfora e política. Não pretendemos, até pelos próprios objetivos do nosso estudo, fazer uma análise pormenorizada dessa relação. Através delas, porém, cremos que conseguimos mostrar de forma, ainda que breve, como a metáfora tem sido estratégia importante nos domínios da política.

Empreendemos, na sequência, um exercício analítico da presença da metáfora em memes políticos. Antes, vamos apresentar nossos passos metodológicos.

3. Aspectos teóricos e metodológicos

Neste trabalho, analisaremos três memes políticos oriundos de contextos temporais e temáticos distintos: dois relacionados às eleições presidenciais de 2022 e um que aborda um fato político mais

Entre metáforas e memes: um exercício de análise sobre ocorrência de metáforas situadas em memes políticos

recente, vinculado ao governo Lula e publicado em 2024. Essa diversificação temática e temporal se dá em razão de nosso propósito, qual seja o de investigar como essas metáforas situadas se manifestam nesses memes e os sentidos que construímos a partir de suas interpretações.

Para tanto, adotamos uma abordagem metodológica composta por três etapas:

1. Pesquisa bibliográfica

Realizamos uma revisão acurada da teoria da metáfora, suas facetas e caminhos, com o propósito de compreender conceitos voltados à promoção de análises dos memes fundamentadas em bases sólidas e atualizadas.

2. Coleta e sistematização do *corpus*

Como já antecipamos, selecionamos para a constituição do *corpus* três memes políticos que apresentam diversidade temporal e temática: dois relativos às eleições presidenciais de 2022 e um sobre o atual governo Lula. A escolha visa ampliar o alcance da análise, permitindo, assim, observar como as metáforas situadas, em contextos discursivos e políticos diferentes, operam sentidos e legitimam posicionamentos ideológicos e visões de mundo nos espaços de circulação digital.

3. Análise qualitativa

Realizamos uma interpretação das metáforas presentes nos memes, considerando não apenas os elementos linguísticos dos textos, mas também os imagéticos e os contextos de produção. A abordagem qualitativa é justificada pela necessidade de compreensão da construção de sentidos dos memes como gênero multimodal em suas múltiplas camadas, que estão para além da identificação de metáforas.

Com isso, buscamos (i) refletir e contribuir com as pesquisas sobre a metáfora, especialmente, em gêneros como o meme; (ii) compreender o uso de metáforas no campo da política; (iii) apontar para os efeitos de sentido humorísticos, argumentativos e persuasivos das metáforas presentes nos memes analisados.

No item abaixo, apresentamos as nossas análises.

4. A metáfora em memes políticos: um exercício de análise

Como temos discutido até agora, as metáforas têm sido uma ferramenta de grande valia no âmbito da política. Ela está nos pronunciamentos oficiais, nos discursos e nos mais variados instrumentos da retórica política. Além desses instrumentos “mais tradicionais”, a política vem se servindo também da evolução gerada pelas novas TICs, especialmente aquelas ligadas ao uso do computador e da internet, com o uso de redes sociais e dos gêneros de texto, que, a partir delas, se materializam.

Um desses gêneros é o meme. O meme é um gênero multimodal, no geral, mescla mais de uma semiose e quase sempre também, parte de uma relação intertextual¹⁴, com foco no humor. A

¹⁴ A intertextualidade é um conceito originário da crítica literária, criado pela crítica literária Júlia Kristeva, a partir do postulado bakhtiniano de dialogismo. Conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a intertextualidade ocorre a partir da relação de um texto com outro texto. Em suas palavras, “[a intertextualidade] ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (...) dos interlocutores” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012, p. 17).

viralização, uma de suas marcas, além do grande apelo que tem gerado numa parcela significativa da população brasileira, não tem passado despercebida pelo campo da política, a partir do qual, os memes têm se tornado um recurso cada vez mais presente nas campanhas políticas a cada nova eleição.

Nesse contexto, o que nos chama a atenção são as diversas metáforas presentes nos memes, conforme demonstraremos no exercício de análise apresentado a seguir. Alguns estudos já vêm buscando demonstrar a presença da metáfora em memes, dentre eles, destacamos o estudo de Vereza (2013), anteriormente aqui citado, que destaca que há uma complexidade bastante significativa quando da análise de metáforas sistemáticas em memes, tendo em vista que, segundo a autora, muitos memes constroem metáforas “- ou a sua desconstrução ou paródia - para criar humor e desenvolver argumentos” (Vereza, 2013, p. 11). Além de possuírem características como: (a) deliberadas; (b) criativas; (c) episódicas; e, (d) *online*, fazendo com que essas metáforas sejam situadas (Vereza, 2013).

Para iniciar nosso empreendimento analítico, observemos o meme a seguir (figura 1):

Figura 1: Harry Freixo e Dumblelula x Voldenaro e Draco Malcastro



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgMyROxOewv/>, com acesso em: 29 maio 2025.

O meme, em análise, foi publicado inicialmente na página do *Instagram* do então Deputado Federal Marcelo Freixo e candidato a Governador do Estado do Rio de Janeiro pelo (PSB), nas eleições de 2022. O meme, com mais de 30 mil curtidas e vários compartilhamentos, foi veiculado também numa matéria do UOL¹⁵ com os memes que repercutiram sobre os candidatos à presidência, naquele momento, durante o pleito eleitoral de 2022.

¹⁵ A referida matéria pode ser encontrada no link: <https://11nk.dev/1QpMf>.

Além, evidentemente, de gerar humor, o meme serve-se de uma série de metáforas com um caráter também bastante argumentativo e persuasivo. Como é peculiar dos memes, temos aqui a presença de um fenômeno textual, a intertextualidade, que julgamos ser muito importante para a construção de sentidos do texto, bem como colabora, sobremaneira, para a construção das metáforas presentes no meme. A intertextualidade presente se dá, a partir, dos nomes como também das imagens destacadas.

A primeira delas é a metáfora **POLÍTICOS SÃO PERSONAGENS DA SAGA HARRY POTTER**. Aqui, temos que recuperar os filmes e os principais personagens da saga de filmes *Harry Potter* e que também são tematizados no meme, o próprio Harry Potter, protagonista de toda a trama, além do diretor da Escola de Magia e Bruxaria *Hogwarts*, onde Harry estuda e seu principal defensor e protetor. Esses personagens representam as forças do “bem” e lutam contra o mal. E, do outro lado temos Voldemort, o lorde das trevas e Draco Malfoy, este também estudante da escola de Hogwarts e que mantém uma relação conflituosa com Harry, que representa as forças do “mal”. A partir dessa breve contextualização, temos as seguintes metáforas: *Lula é Dumbledore, Marcelo Freixo é Harry Potter, Bolsonaro é Voldemort e Cláudio Castro é Draco Malfoy*.

Acompanhando essa divisão entre bruxos do bem e bruxos do mal e relacionando esse fato com a política, infere-se, a partir do meme, que existem políticos bons e políticos maus. Nesse caso, podemos sistematizar as metáforas *Políticos de Esquerda são Luz* e *Políticos de Direita são Escuridão*.

O segundo meme (figura 2), ao qual nos deteremos, não tem um apelo humorístico da mesma forma que o primeiro meme, entretanto, é rico em estratégias argumentativas e persuasivas. Vejamos:

Figura 2: O Pai tá on!



Fonte: Disponível em: <https://11nq.com/xraVr>, com acesso em 25 maio 2025.

O meme acima (figura 2) encontra-se disponível numa reportagem do site *Escola Educação* e o seu propósito é mostrar quais foram os memes mais buscados do ano de 2022. Dentre os vários listados, temos os memes do Lula e este, segundo o site, foi um dos mais buscados. No caso, a expressão “*o pai tá on*” faz o meme estabelecer uma relação intertextual com inúmeros outros textos das mais diversas situações. O meme tem, portanto, a característica de (re)utilizar imagens e expressões de forma reiterada em variados contextos.

A viralização da expressão é atribuída ao jogador *Neymar* quando comemorou a classificação do *Paris Saint-Germain Football Club*, clube francês pertencente à primeira divisão de futebol da França, para participar dos jogos semifinais do *Champions League*, que por sua vez, trata-se de uma competição anual de futebol realizada por vários clubes de futebol franceses desde o ano de 1955. A partir disso, a expressão caiu no gosto popular e passou a ser usada, tanto no contexto das redes sociais, na internet, como também na comunicação oral entre as pessoas; passou a ser utilizada em contextos informais, profissionais e como flerte. Em sentido amplo, a expressão significa que a pessoa está disponível, pronta para tudo.

O meme em questão serve-se da metáfora conceptual **PRESIDENTE É PAI** para a criação da metáfora situada *Presidente é pai descolado*. A metáfora conceptual **PRESIDENTE É PAI** foi amplamente estudada por Lakoff (2016 [2002]) e está associada à metáfora conceptual **NAÇÃO É FAMÍLIA**. Na perspectiva do autor, existem dois modelos de família presentes no pensamento conservador/liberal, apoiados, por sua vez, nos modelos de pai severo e pai cuidadoso. Obviamente, a metáfora conceptual em questão aponta para o modelo tradicional e conservador de família, a família nuclear, composta por pai, mãe e filhos. Além dessa visão não contemplar os vários modelos de composição familiar existentes na sociedade, ela ainda aponta para uma visão de que cada um tem uma função muito bem estabelecida, sendo que ao pai cabe o cuidado, o sustento e as condições de subsistência.

No caso, a metáfora sistemática *Presidente é pai descolado* distancia-se um pouco dessa vertente moral e desse modelo conservador de família e pai. Embora o pai ainda seja aquele que cuida, protege e garante as condições básicas da família, ele é amigo, legal, moderno, com um estilo e personalidade própria. Cremos que o uso dessa metáfora não foi aleatório, pois, além de possivelmente tentar atingir uma população mais jovem que usa e comprehende os sentidos da expressão, há uma tentativa de se afastar do modelo conservador e militar defendido pelo seu principal oponente nas eleições de 2022.

O próximo meme (figura 3), temos a metáfora conceptual **PESSOAS SÃO ANIMAIS**, convocada para a criação das metáforas situadas: *Geraldo Alckmin é o papa-léguas* e *Ações do governo são uma corrida*.

Figura 3: Pé na tábua



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6Gi2CNOu4I/>, com acesso em: 25 maio 2025.

O meme acima está disponível no perfil oficial do Instagram do Vice-presidente da República e também, Ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços do Brasil, desde o ano de 2023. O meme postado em abril de 2024, estabelece uma intertextualidade com o desenho animado *Papa-léguas*, uma série de desenho americana e, também, faz referência a uma reunião em que o Presidente Lula cobrou mais celebidades nas ações de seus ministros.

A cobrança repercutiu na mídia, que ficou alvoroçada com a cobrança pública do presidente a sua equipe. No entanto, foi tomada de humor pelo vice-presidente e ministro, Geraldo Alckmin com o meme em questão. Dele, como dissemos, temos duas metáforas situadas: *Geraldo Alckmin é o papa-léguas* e *Ações do governo são uma corrida*. Do domínio-fonte papa-léguas projeta-se a ideia de velocidade, sorte e agilidade, sobre o domínio-alvo Geraldo Alckmin. O humor é recuperado a partir das várias inferências realizadas, sobretudo, as intertextualidades presentes e os mapeamentos realizados de um domínio para o outro.

Feitos nossos exercícios de análise, passamos, agora, às considerações (quase)finais.

5. Considerações (quase)finais

Retomando a questão proposta por Marcuschi: “Será possível acrescentar algo de interesse à quase ininterrupta investigação da metáfora desde que Aristóteles a definiu em sua Poética?” (Marcuschi, 2000 [1975], p. 72). Concordamos, integralmente, com ele ao dizer que sim. Da tradição aristotélica até agora, temos significativos nuances e diversos aspectos que foram e serão ainda refletidos no âmbito da metáfora.

A TMC prototípica dos estudos de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) deu importante contribuição no sentido de colocar a metáfora dentro de uma metateoria e de uma área de pesquisa como é o caso da Linguística Cognitiva. Além disso, a teoria não parou, segue pujante e desenvolvendo caminhos dos mais diversos para dar conta dos mais variados aspectos da metáfora, como aqui elencamos. Cremos que, para os propósitos deste estudo, a proposta de Verezza (2010, 2013 e seus associados), da metáfora sistemática serviu como um norte teórico importante para compreender as nuances da presença da metáfora em memes políticos que possuem uma complexidade por conta de sua configuração multimodal.

Além de recorrer a fenômenos do campo textual, como a intertextualidade. Temos ciência de que não aprofundamos aqui essa relação intertextualidade e metáfora, mas reconhecer, ainda que de forma superficial, as relações de sentido que esses dois fenômenos, um do campo do texto e o outro do campo da cognição, têm na construção de sentidos de um gênero como o meme já é um passo importante.

Ademais, mostramos, ainda, o uso recorrente de metáforas políticas num gênero que não é de uso convencional desse campo, mas, que vem pleito após pleito, ganhando mais espaço e trazendo a ocorrência de metáforas criativas, regadas de humor e repletas de aspectos argumentativos e persuasivos, importantes, para compreender esse campo tão significativo como a política.

Referências

- CARVALHO, Sérgio. Palavras em guerra: as metáforas nos discursos de G.W. Bush e seus colaboradores sobre o 11 de setembro. In: VEREZA, Solange (org.). *Sob a ótica da Metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Politicians and rhetoric: the persuasive power of metaphor*. Londres: Palgrave Macmillan, 2011.
- COSTA LIMA, Paula Lenz. Metáforas e linguagem. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes Feltes. *Produção de Sentido: relações transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul, EDUCS, 2003.
- KOCH, Ingredore; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- KÖVECSES, Zoltan. *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2020.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP. Mercado das Letras; São Paulo: Educ., 2002 [1980].
- LAKOFF, George. *Política moral: cómo piensan progresistas y conservadores*. Madrid: Capitán Swing, 2016.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. A propósito da metáfora. *Revista de estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, pp. 71-89, 2000 [1975].
- MORATO, Edwiges Maria; FREITAS, Nathália Luiz de. “A propósito da metáfora” (1975), de Luiz Antônio Marcuschi: apontamentos para uma perspectiva sociocognitiva e interacional da metaforicidade. *Revista Investigações - Linguística*, v. 30 n. 2, pp. 130-152, 2017.
- PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes; CAMERON, Lynne. A influência da mídia no discurso sobre violência urbana em Fortaleza-Ceará-Brasil. *Revista Signo*, v. 38, pp. 38-53, 2013.
- SOARES DA SILVA, Augusto. Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa. *Revista Investigações - Linguística*, Recife, v. 28 n. 2, 2015.
- SPERANDIO, Natália Elvira. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentidos de charges animadas*. 2014. 155 f. (Tese de Doutorado) – Faculdade de Letras – FALE, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2014.
- VEREZA, Solange. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 41, pp. 199-212, 2010.
- VEREZA, Solange. Trajetórias da Metáfora: retórica, pensamento e discurso. In: VEREZA, Solange (org.). *Sob a ótica da Metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.
- VEREZA, Solange. Metáfora é que nem... Cognição e discurso na metáfora situada. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, pp. 2-21, jul./dez. 2013.

Entre metáforas e memes: um exercício de análise sobre ocorrência de metáforas situadas em memes políticos

VEREZA, Solange; CAVALCANTI, Fernanda. Percorrendo as trilhas da metáfora: teorias, abordagens e métodos. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa; SANCHEZ-MENDES, Luciana (org.). Teoria e Análise Linguística. Niterói: EDUFF, 2022.

VEREZA, Solange; DUQUE, Paulo Henrique. Metodologias no estudo da metáfora: uma abordagem cognitivo-discursiva. In: VELOZO, Naira de Almeida, BERNARDO, Sandra; NUNES, Valéria Fernandes (org.). *Linguagem, cognição e sociedade: interlocuções em Linguística Cognitiva*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

ZANOTTO, Mara Sophia *et al.* Apresentação à Edição Brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ., 2002.